

reportagem cultural

As muitas vozes de um idealista

Marcello Campos*

A mudança para Porto Alegre expandiu em Carlos Cavaco a vocação para o destaque simultâneo em múltiplas frentes. Com espírito combativo, oratória vigorosa, bigodes à *kaiser*, porte avantajado e muitas vezes envolto em longo gibão de couro, logo se tornaria participante ativo e porta-voz

de ações notáveis na Capital dos primeiros anos do novo século. O advogado pequeno-burguês e aspirante a jornalista, impactado por autores como o argentino José Hernández (*Martin Fierro*) e o francês Victor Hugo (*Les Misérables*), além de ideias socialistas que já circulavam no País antes da Revolução Russa de 1917, abraçou uma categoria da qual jamais pertencera:

o proletariado.

Um marco no engajamento à causa foi a criação do semanário *A Democracia*, em 1905 (após experiência como redator da *Revista do Sul*), tendo como parceiro de empreitada o tipógrafo e jornalista negro Francisco Xavier da Costa, cofundador do Partido Socialista Rio-Grandense. Junto a ativistas como o metalúrgico teuto-gaúcho José Zeller-Rethaler, no ano seguinte tiveram atuação destacada na célebre Greve dos 21 Dias - a primeira paralisação geral no Estado, que conquistou jornada de oito ou nove horas diárias para os trabalhadores. Movimento, aliás, durante o qual surgiu a Federação Operária do Rio Grande do Sul (Forgs).

Quase 100 anos depois, a historiadora norte-americana Joan Bak mencionaria em artigo acadêmico de 2003 um dos discursos daquela mobilização paredista: "(...) Lotando a Praça da Alfândega, Cavaco denunciou a ordem estabelecida que causava o sofrimento dos trabalhadores e, confirmando sua reputação de orador ardoroso, subiu em um banco para fazer forte discurso revolucionário, continuamente interrompido por palmas da multidão. Apondo exemplos alemães e franceses, pediu a fundação de uma federação regional dos trabalhadores, que deveriam ir às barricadas se fosse necessário e dirigir-se a seus chefes com ramo de oliveira na mão esquerda e dinamite na direita".

A reputação popular de Cavaco como herói da classe laboral teve prosseguimento com presença constante na imprensa, literatura e associativismo. No período de 1908 a 1914, participou da fundação do Partido Socialista de Porto Alegre e da Confederação Geral dos Trabalhadores, ambos de duração efêmera. Também editou o *Correio da Tarde* (com o jornalista leopoldense Lindoldo Collor, futuro deputado estadual e ministro do Trabalho de Getúlio Vargas) e *A Vanguarda*, bem como a revista *Echo Americano*. Em paralelo, publicava textos em outros periódicos, não raro primando pela polêmica em temas como o questionamento às elites. Católicas, inclusive.

Oratória eternizada em disco

Fundada em Porto Alegre pelos irmãos italianos Emílio e Savério Leonetti, a gravadora A Elétrica (1913-1924) não foi apenas a segunda do Brasil (11 anos após a pioneira Edison, no Rio de Janeiro), mas também a primeira 100% independente. Estima-se em ao menos 1.300 o número de fonogramas, entre polcas, valsas, maxixes, tangos, marchas, foxes, operetas etc - além de capturar em estúdio dez inflamados discursos de Carlos Cavaco, lançados em 1913-1915 por seu selo principal, o 'Discos Gaúcho'.

A fidelidade sonora não é das melhores (apesar do nome da casa, o sistema elétrico de gravação só chegaria no final da década seguinte). Mas vale pelo raro testemunho de uma oratória que marcou época no Estado. E que hoje pode ser ouvida em *sites* como discografiabrasileira.com.br e acervos.musecom.rs.gov.br, respectivamente mantidos pelo Instituto Moreira Salles e pelo Museu de Comunicação Hipólito José da Costa, de Porto Alegre - este último preserva um exemplar de *Alma Gaúcha!* (1914).

DISCOGRAFIA

- ▶ *Homenagem ao Senador Pinheiro Machado* (1913)
- ▶ *Alma Gaúcha!* (1914)
- ▶ *Carlos Cavaco ao Povo no Dia de Sua Liberdade* (1914)
- ▶ *Gaspar Martins* (1914)
- ▶ *O Operário* (1914)
- ▶ *Partido Socialista* (1914)
- ▶ *Discurso de Carlos Cavaco* (1915)
- ▶ *Glória a Dom Pedro Segundo* (1915)
- ▶ *Homenagem ao Doutor Júlio Castilhos* (1915)



ACERVO MARCELLO CAMPOS/REPRODUÇÃO/JC

Escritor, teatrólogo e ator

O hábil manejo da linguagem não se limitava aos predicados como tribuno. Havia também nas letras uma vocação potencializada por paixões culturais, políticas, boêmias e amorosas a inspirarem 19 livros de prosa ou poesia, publicados de 1905 a 1960 e hoje disponíveis apenas em sebos. Influenciada por vivências pessoais e correntes de pensamento conservadoras ou libertárias, trata-se de uma escrita ora combativa e grandiloquente, ora romântica e repleta de mesuras, sob louros até em Portugal.

Foi o caso dos poemas de *Rosas de Sangue* (1920), editado em Lisboa e com anotações elogiosas do escritor, dramaturgo e diplomata local Júlio Dantas no prefácio. "Li com muito prazer os seus versos. São belos como tudo quanto é forte, eloquentes como tudo quanto é simples. Palpitam de comoção, lampejam de entusiasmo. Filhos espirituais da lira rebelde de André Chenier, têm o vigor invencível d'uma convicção em marcha. São mais ainda os versos de um orador que versos de um poeta. Todos eles retinam como fanfarra e têm nobreza, in-

dependência, audácia e força!".

Com o mesmo espírito panfletário e repercussão, entre 1909 e 1940 assinou nove peças de teatro em diversos Estados. A estreia oficial se deu com *A Carta Anônima*, em três atos concebidos com o mal disfarçado objetivo de rebater sua fama de agitador subversivo e demagogo. Com leveza distante do estilo acalorado das obras de maior teor político, foi encenada com sucesso no Theatro São Pedro. Sem fugir à sua índole aglutinadora, em 1917 colocou sua rubrica entre os fundadores da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, no Rio de Janeiro.

Sobrou tempo para nova peripécia no campo das artes. Ao lado da esposa, estreou o curta-metragem *O Ranchinho do Sertão*, dirigido pelo teuto-gaúcho Eduardo Hirtz e em cartaz nas noites de 27 e 28 de março de 1909 no Cine Recreio Ideal, da Rua da Praia. "Esse é o primeiro filme de ficção produzido no Rio Grande do Sul, tanto que sua data de estreia inspirou a criação do Dia do Cinema Gaúcho. Infelizmente, não restaram cópias conhecidas", explica o pesquisador Glênio Póvoas.



Santanense radicado em Porto Alegre mobilizou a classe operária